

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de batismo da Plataforma de Petróleo FPSO Sevam-Piranema do Campo de Piranema

Aracaju-SE, 04 de setembro de 2007

Meu querido companheiro Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,

Senhora Turid Rodrigues Eusébio, embaixadora da Noruega no Brasil,

Senhor Nelson Rubner, ministro de Minas e Energia,

Meu querido companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Senhor Arne Smedal, presidente da Sevan Marine,

Senhor Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Senhor Pedro Brito, secretário especial de Portos,

Meu querido companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco,

Meu caro Belivaldo Chagas, vice-governador de Sergipe,

Deputado Ulices Andrade, presidente da Assembléia Legislativa do estado de Sergipe,

Desembargador José Artêmio Barreto, presidente do Tribunal de Justiça do estado de Sergipe,

Companheiros deputados que têm contribuído de forma decisiva para que essas coisas que tanto nós anunciamos sejam aprovadas no Congresso Nacional, Jackson Barreto, Eduardo Amorim e Albano Franco,

Meu querido companheiro Edvaldo Nogueira Filho, prefeito de Aracaju,

Meu caro companheiro Ivan Leite, prefeito de Estância,

Minha querida companheira Maria das Graças Foster, presidente da BR Distribuidora,

Meu companheiro Estrela, meu caro Paulo Roberto, todos companheiros diretores da Petrobras,

Meu querido companheiro José Eduardo Dutra – eu quero saber qual é a notícia que o Déda quer que eu dê, depois eu vou pedir para ele.

Meus caros companheiros da diretoria da Petrobras,
Funcionários da unidade da Petrobras em Sergipe e Alagoas,
Companheiros estudantes da Petrobras – se podemos chamar assim,
Membros da delegação da Noruega,
Companheiros e companheiras,

Membros e atletas da nossa Seleção de Handebol. Eu acho que é importante dar a notícia para vocês: em 1961, quando eu estava no Senai, eu jogava handebol. Não consegui chegar à Seleção Brasileira. Acho que a minha bursite é do tempo que eu jogava handebol. Mas, de qualquer forma, fico feliz pela posição que o Brasil ostenta hoje no handebol. Fiquei impressionado com a leveza da nossa seleção, eu não sabia que estava tão rápido o jogo de handebol.

Mas, companheiros e companheiras, secretários de Estado, prefeitos das cidades do interior, deputados estaduais, vereadores, companheiros e companheiras de Sergipe,

Dois avisos importantes, Déda, quando você for citar os números preste bem atenção, porque você perdeu, aqui, 600 milhões de reais. Não são 3 bilhões que a gente vai investir até 2010, na Petrobras, são 1 bilhão, 842 milhões de dólares, o que dá, na verdade, 3 bilhões e 600 milhões de reais investidos aqui.

Segundo, a Petrobras veio investir aqui, não foi por causa do Estrela, por causa da Graça, do Paulo Roberto, do José Sérgio, não, foi porque eu disse para eles que a profundidade de petróleo aqui, a profundidade das águas para a gente achar petróleo é tão rasa que se eles não fazem o investimento eu iria mergulhar e trazer petróleo no pote. Do mesmo jeito que eu ia buscar água no açude, lá em Garanhuns, eu iria pegar dois potes, mergulhar e trazer cheios de petróleo, para eles perceberem que tinha petróleo aqui dentro.

A terceira coisa que eu considero importante, Marcelo Déda, é que hoje é um dia daqueles em que a gente se levanta, trabalha o dia inteiro e, quando voltar para casa e deita, a gente chega à conclusão de que valeu a pena e vale a pena ser governante, seja municipal, estadual ou presidente da República.

Nós fomos de manhã inaugurar um terminal do Porto de Suape, lá em Pernambuco. Depois fomos começar a terraplanagem da Refinaria Abreu e Lima, também lá em Pernambuco, e agora estamos aqui. Eu confesso a você

que jamais imaginei ver uma plataforma redonda como esta, bonita, e ainda disseram que não afunda, então, vai ser às mil maravilhas. E saber que isso é resultado de uma parceria tecnológica entre os conhecimentos da nossa Petrobras e os conhecimentos tecnológicos da Noruega. Depois, eu saio daqui e vou a Petrolina inaugurar um Senai, junto com o presidente da CNI e o governador de Pernambuco. Essas coisas todas que estão acontecendo no nosso País, no fundo, no fundo, são o resultado de um plantio que nós agora estamos colhendo. Nós plantamos, parecia que em 2005 e 2006 ia dar um vendaval que queria destruir toda a nossa plantação, nós tivemos o cuidado necessário de fazer a cobertura na nossa lavoura e hoje estamos colhendo a solidez que todos nós construímos neste País.

Eu tenho 61 anos, poderia dizer que tenho 62, porque no dia 27 de outubro – com o presente que eu sei que você vai me dar – eu vou completar 62 anos de idade. Desses 62 anos de idade, praticamente mais da metade deles eu passei na rua fazendo passeata, assembléia, carregando bandeira contra A, contra B, contra C, reivindicando aumento de salário, reivindicando melhoria para as coisas do Brasil, e eu tenho consciência do momento que nós estamos vivendo. Eu não quero ser ufanista, não quero dizer que nós já fizemos tudo que tinha que ser feito no Brasil, porque nós pegamos um estoque de coisas atrasadas e mal feitas no Brasil, de séculos. Afinal de contas, a gente não consegue consertar 500 anos em 500 dias, muito menos em cinco anos ou em oito anos, é um processo, em que nós estamos aprendendo. É um processo de um país que assumiu a responsabilidade de se transformar numa grande economia, de ser um país que possa estar entre as grandes economias mundiais, de ser um país que possa estar entre as grandes nações com alto grau de conhecimento em tecnologia, de ser um país em que a sua juventude passa a ter um padrão educacional melhor e de ser um país que tomou consciência de que, fazendo as coisas certas, a tendência natural é a gente colher as coisas certas. E nós hoje, Déda, estamos colhendo tudo o que nós plantamos nos primeiros quatro anos de mandato. E vamos colher muito mais, sabendo que ainda vai ter vendaval, vai ter tempestades, vai ter uma série de coisas que nós temos que enfrentar. O que é importante para um governante é que, em nenhum momento, ele pode entrar em desespero. É como um chefe de casa: um filho pode ficar nervoso, um filho pode brigar por

10 reais, outro pode brigar por 15 reais, outro pode querer brigar para a mãe deixá-lo usar o carro. Ou seja, quem tem muitos filhos, como eu que tenho cinco, é uma confusão generalizada. E o pai nunca pode perder o equilíbrio. E eu acho que é isso que nós estamos fazendo, nós temos certeza do que nós queremos para o Brasil, temos consciência de onde nós podemos chegar, temos consciência das coisas que nós temos que fazer para o Brasil e estamos fazendo.

Eu estou vivendo um dos momentos mais extraordinários da minha vida como ser humano, talvez porque eu não tenha que disputar eleição em 2010, então, é uma carga extraordinária que saiu das minhas costas. Mas estou vivendo um momento em que eu sei exatamente o que é possível fazer, sei exatamente quais as dificuldades que a gente tem que enfrentar, sei exatamente como enfrentá-las e sei que nós vamos obter sucesso na nossa trajetória. Quis Deus que eu ganhasse o segundo mandato, e que nesse segundo mandato eu pudesse ter a companhia de uma extraordinária gama de governadores, na sua grande maioria jovens como você, como Eduardo Campos, como o Jaques Wagner, como o Eduardo Braga, como tantos companheiros espalhados pelo País, que não fazem da política um momento de ódio, fazem da política um momento de participação, de discussão. E eu ainda tenho o privilégio de ter uma série de companheiros governadores que se acham no direito de pedir tudo o que eles acham que têm direito, como se eu pudesse dar tudo o que eles querem.

Mais uma coisa importante é que estamos construindo – e talvez a sociedade leve um tempo para perceber – uma nova dinâmica na democracia brasileira. Eu falo isso, Déda, e você conhece, mesmo com governadores do PSDB, a relação com o José Serra, a relação com o Aécio, a relação com o Cássio Lima, da Paraíba, a relação com o Téo Vilela, de Alagoas, a relação com a Yeda Crusius, no estado do Rio Grande do Sul, não tem por que não ser uma relação civilizada, não tem por que não fazermos parcerias, afinal de contas, todos nós temos a responsabilidade no estado, na cidade ou na União, de fazer a coisa dar certo. Foi para isso que nós fomos eleitos.

Eu me lembro que quando tomei posse, em 2003, eu lia muito a idéia de que: “não tem governo para a Petrobras, a Petrobras é dona do seu nariz, teve presidente que disse que era uma caixa preta, que ninguém podia discutir”. Eu

nunca tive problemas com a Petrobras. Aliás, a Petrobras tem feito coisas extraordinárias, em que nós discutimos no governo, junto com a Petrobras, aprovamos no Conselho da Petrobras e as coisas funcionam.

Eu vou contar dois casos para vocês. Quando eu levei o José Eduardo Dutra para ser presidente da Petrobras, a minha orelha está até meio caída de tanta gente dizer: “tu vai levar o José Eduardo Dutra, ele não é do ramo, ele não está lá, não sei das quantas, o mercado não vai gostar, o mercado não sei das quantas”. Levei o José Eduardo Dutra e a Petrobras só cresceu. Aí eu decidi levar o José Sérgio Gabrielli para a Diretoria de Finanças da Petrobras. A mesma conversa fiada: “o mercado não vai gostar, não é possível, o mercado vai reagir, porque tem ações na Bolsa de Nova Iorque. Você vai levar? Ele não é conhecido, porque tem não sei das quantas e tal”. Levei. Um ano depois ele foi escolhido o melhor diretor financeiro das empresas de petróleo de todo o mundo. A Petrobras deixou de ser uma caixa preta para ser uma empresa brasileira, para ser uma empresa com compromisso com este País. E não poderia ser diferente. A Petrobras tem a sua autonomia porque é uma empresa que tem acionistas, mas a Petrobras nunca pode perder de vista que ela tem no governo o seu acionista majoritário e, portanto, as decisões estratégicas serão discutidas sempre no governo, para que a gente assuma a glória e o fracasso juntos. Como eu prevejo mais glória do que fracasso, nós poderemos trabalhar juntos sem nenhuma preocupação.

Eu acho que a Petrobras está vivendo um momento importante da sua vida. A Petrobras teve um tempo em que tinha uma certa inibição de se transformar numa empresa mais multinacional, de ocupar mais espaços no oceano, de ocupar espaços em outros continentes, era mais uma coisa tacanha, mas parece que a Petrobras aprendeu a falar inglês, francês e espanhol, e hoje está tendo – até por uma visão estratégica – de ocupar espaços extraordinários no mundo, porque o petróleo está cada vez mais rareando, cada vez o preço está maior, cada vez a Petrobras pode ganhar mais dinheiro e, para isso, a Petrobras tem a sabedoria de investir em tecnologia com o seu centro de pesquisa, apostando nessa juventude extraordinária para aprender uma profissão e se transformar em grandes técnicos da Petrobras.

Isso tudo nós estamos fazendo. Agora, chegar aqui em Sergipe e descobrir que Sergipe tem um petróleo melhor do que o que nós ainda não

descobrimos em Pernambuco, Eduardo, é muito desaforo. O óleo daqui é óleo guardado em tonel de carvalho. Se comparássemos com uísque, é uísque de 23, 25, 30 anos, enquanto nós estamos bebendo um de meio ano.

Bem, vamos a alguns números aqui que são importantes. Esse Campo de Piranema vai produzir... a produção de petróleo, em Sergipe, vai pular de 44 mil barris/dia para 64 mil barris/dia. Isso vai fazer – veja que importância, Marcelo – o estado de Sergipe vai saltar do sexto para o quarto produtor nacional de petróleo. Preste atenção, Marcelo Déda, os investimentos no desenvolvimento do projeto, que iniciará a produção até o final do ano, chegaram a 2,4 bilhões de reais, sendo 310 milhões do PAC. A Petrobras prevê investimentos da ordem de 3 bilhões e 600 milhões de reais entre 2007 e 2010. É bom destacar que na plataforma petrolífera SSP-300 será produzido o melhor óleo de águas profundas do Brasil. É um óleo do tipo leve, que o Brasil ainda precisa importar para produzir derivados como a gasolina, óleo diesel e gás de cozinha. Esse óleo é misturado no nosso gás pesado, é isso? Parabéns, vocês estão dando uma contribuição enorme para melhorar a qualidade do petróleo da Petrobrás. Esse alto padrão de qualidade só é encontrado em alguns locais do mundo, como o Golfo Pérsico, Garanhuns. Garanhuns não tem porque a Petrobras não foi pesquisar ainda, mas o que dia em que for, lá será, não em águas profundas, mas num açude qualquer de lá, a plataforma vai ser pequena, e nós vamos encontrar petróleo.

Você sabe, Déda, que quase todo o petróleo brasileiro é um petróleo pesado, é um petróleo muito pesado. E é ainda mais leve do que o petróleo da Venezuela, que é mais pesado ainda. Então, significa que Sergipe está numa situação altamente privilegiada com esse petróleo, com essa bebida de carro de boa qualidade que vocês estão oferecendo. Esse é um projeto estratégico para a Petrobras, pois vai aumentar a produção brasileira de óleo leve, que é um dos objetivos da empresa. Também será o primeiro pólo de produção de petróleo em águas profundas do Nordeste. Essa é uma coisa importante, porque o povo do Nordeste sempre se ressentia que tinha poucas pesquisas para fazer prospecção em águas profundas no Nordeste. Não é possível que na Bacia de Campos ou na Bacia de Santos, num pedacinho assim, tenha muito petróleo, e nessa imensidão de água que tem no Nordeste não tenha petróleo. Se aqui na terra, se aqui em cima da água, durante 300 anos os

nordestinos foram esquecidos, e por isso ficou uma região mais pobre, embaixo da água os políticos não meteram a mão ainda, então tem que ter petróleo, não é possível. A não ser que, antes de Cabral chegar aqui, alguém tenha vindo e levado o nosso petróleo embora. Nós somos tão azarados, que é capaz de ter acontecido isso mesmo.

Agora, outra coisa que eu achei interessante, eu não cansei de olhar para a imagem que apareceu na televisão, daqui eu estou vendo a imagem: é uma plataforma flutuante, é motivo de orgulho. Eu quero parabenizar os nossos companheiros e amigos da Noruega pela contribuição tecnológica deste projeto extraordinário. O inédito formato cilíndrico oferece estabilidade muito alta, suportando condições adversas do mar. Isso já foi testado? Além disso, por se tratar de casco duplo, no caso de abalroamento por navio, por exemplo, não há risco de vazamento de óleo. Tudo isso, teoria, vamos ver na prática.

A plataforma de Piranema vai ajudar a validar o desenvolvimento do Mono-BR. O que é Mono-BR? Ah, vocês escutaram? Bem, como eu não entendi, eu não vou conseguir transmitir. A plataforma do tipo monocoluna, projetada pelo Centro de Pesquisa da Petrobras para projetos de águas profundas no Brasil. A operação no Campo de Piranema será realizada a uma profundidade média de mil e 100 metros, não se desperdiçará energia e nem haverá emissão de dejetos no ambiente. Todo óleo extraído pode ser escoado para navios-tanque, por meio de método inovador que elimina a possibilidade de vazamentos e riscos de dano ao meio ambiente. Essa tecnologia desenvolvida pela Petrobras é referência mundial na exploração de petróleo em águas profundas. Há cerca de 20 anos, a perspectiva era de que a produção em Sergipe seria decrescente. Hoje, as previsões apontam para um crescimento significativo da produção nos próximos anos.

Além de Piranema, a Petrobras pretende iniciar as operações de mais três plataformas de petróleo este ano: cidade de Vitória, em Golfinho, a P-34 em Jubarte e uma outra, não sei onde, no Campo de Siri, na Bacia de Campos. As quatro plataformas vão produzir, juntas, 510 mil barris de petróleo. Até 2011 haverá mais de 60 grandes projetos a serem instalados pela Petrobras no Brasil. A produção de petróleo nacional vai alcançar a marca de 2 milhões de barris/dia até o final de 2007. A Petrobras tem um dos maiores planos de crescimento.

Aí é o seguinte: a Petrobras tem um compromisso com o governo, com o País de, nos próximos quatro anos, investir o equivalente a 228 bilhões de reais numa série de atividades ligadas à energia, para que a gente possa tentar resolver, definitivamente, o problema do gás, para que a gente possa tentar desenvolver o problema dos gasodutos, do álcoolduto. Até álcoolduto nós vamos fazer, Marcelo Déda. Não é para carregar cachaça, não, é álcool combustível, é etanol.

Isso faz parte de um projeto chamado PAC, que tem como investimentos 504 bilhões de reais até 2010. É a consagração de um momento histórico que vive o Brasil, para que a gente possa aprofundar, ainda mais, a possibilidade de o Brasil se transformar numa grande nação. Eu, particularmente, estou convencido de que o Brasil será, nessa primeira metade do século XXI, uma potência econômica mundial. Estou convencido disso e estou convencido de que nós seremos uma potência energética, porque ninguém terá condições de competir com o Brasil na produção de combustíveis alternativos, sobretudo na área dos biocombustíveis.

A Refinaria que nós hoje fomos dar início, Marcelo Déda, já vai refinar o HBio também. Vocês sabem o que é HBio? É você pegar o óleo gomado – o óleo gomado é o óleo cru, o óleo bruto da soja, da mamona – mistura-se junto com o óleo diesel, vai para a refinaria e sai um óleo com uma qualidade excepcional, quase sem enxofre. Quanto vai ter de enxofre? Zero, não. Vamos pegar aí uns 50, está bom. Hoje tem 500, se cair para 50 já é padrão de americano importar o nosso. O Brasil, realmente, tem uma chance extraordinária.

Mas não é apenas isso, Déda, porque tudo isso é consequência de uma outra coisa que eu vou lhe dizer agora. Nós estamos lançando um programa chamado Territórios da Cidadania e aqui, no estado de Sergipe, 17 municípios de Sergipe foram incluídos no programa Territórios da Cidadania, do Ministério do Desenvolvimento Agrário. São eles: Canindé de São Francisco, Gararu, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Poço Redondo, Porto da Folha, Carira, Frei Paulo, Macambira, Nossa Senhora Aparecida, Pedra Mole, Pinhão, Poço Verde, Ribeirópolis, São Miguel do Aleixo, Simão Dias e Tobias Barreto. O programa Territórios da Cidadania vai estimular atividades produtivas nos municípios, com acesso a crédito, regularização fundiária,

assistência técnica, apoio à comercialização de produtos e, também, do programa de biodiesel. Haverá também a implementação, nesses municípios, de farmácias populares, cisternas no semi-árido, saneamento básico, educação básica, alfabetização, inclusive de adultos. Esse é um programa com que nós pretendemos, até 2010, atender grande parte das regiões mais empobrecidas do País com um conjunto de políticas capaz de fazer com que essas cidades possam dar um salto de qualidade na produção e na comercialização, tendo como resultado a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Eu estava vendo aquele jovem, lá em cima, os jovens aprendizes da Petrobras – é assim que a gente fala, José Sérgio Gabrielli? – e quando eu digo que acredito, por isso eu sou otimista, Marcelo Déda, eu faço questão de dizer aqui para os jovens, que a primeira escola técnica no Brasil foi feita em 1909 pelo presidente – eu esqueci agora – Nilo Peçanha. Eu falei tanto o nome que esqueci. Em 1909 ele inaugurou na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, a primeira escola técnica brasileira. De 1909 a 2003 foram construídas 140 escolas técnicas, profissionais.

Pois bem, em 8 anos, nós vamos construir 214 escolas técnicas neste País. O Brasil vai sair de 140 para 314 escolas técnicas. E aqui em Sergipe vai ter cinco, além de que vamos ter 10 universidades novas e 48 extensões universitárias espalhadas por este País, porque agora que a economia brasileira começou a crescer, nós estamos com problema de algumas funções em falta no mercado. Por exemplo, engenharia, nós estamos com problema de engenheiros em várias atividades econômicas, porque durante muito tempo o Brasil não crescia, as empresas não investiam e, portanto, as pessoas se formavam engenheiros e iam fazer outras coisas. Nós agora precisamos, quase num trabalho de guerra, recuperar a capacidade de investimento do Brasil no ensino universitário.

A coisa que mais me motiva é que nós vamos chegar em 2008, Déda, com quase 1 milhão de jovens fazendo ProUni, que é o programa de bolsa mais extraordinário já criado neste País, em que a gente consegue pegar jovens da periferia e fazer convênios com a universidade privada. A gente faz uma isenção e transforma o equivalente à isenção em bolsa. Nós vamos colocar 1 milhão de jovens na universidade, a grande maioria saída da periferia deste País.

Bem, tudo isso é porque nós estamos vivendo esse momento de tranquilidade, esse momento em que a economia está crescendo, esse momento em que as exportações estão crescendo, esse momento em que os juros estão caindo, esse momento em que os créditos estão subindo. Albano Franco, você que foi presidente da CNI, sabe que nós, pouco tempo atrás, só tínhamos 300 bilhões de crédito. Hoje nós já estamos com 800 bilhões de crédito, significa que quando você tem crédito, você tem dinheiro na mão do povo, e esse dinheiro na mão do povo vai gerar alguma coisa.

Eu acho que com todo esse processo de tranquilidade que estamos vivendo na economia, com todo esse processo de tranquilidade que estamos vivendo na política, de vez em quando tem um barulho aqui, um barulho ali, mas política é assim, a gente não pode se assustar também. É preciso ter a tranquilidade para saber o seguinte, Marcelo Déda: você foi eleito governador, eu sei que é uma novidade, porque o estado tem uma tradição política mais conservadora, eleger você já é um ato extraordinário do povo deste estado.

Então, agora – eu posso tratar você, pela sua idade, quase como compadre ou filho – agora, Déda, você só tem que ter uma preocupação. Não se preocupe com as brigas, com as críticas dos adversários, e nunca espere que adversário o elogie, se elogiar não acredite. O que você tem que fazer é o seguinte: você tem que construir a aliança necessária, precisa construir a maioria mas, sobretudo, você tem que se lembrar do compromisso que você tem com esse povo aqui. Este é um estado pequeno, é um estado que tem condições de ter um crescimento muito bom, é um estado que não tem os problemas que tem nas grandes regiões metropolitanas, com milhões de pessoas morando apinhadas; é um estado que tem condições de subir com uma certa leveza, a mesma leveza que tem o óleo que a Petrobras está tirando aqui.

No fundo, o que o Déda aqui tanto falou, que eu tenho uma notícia boa para dar, eu não posso dar a notícia. Vocês sabem que o companheiro José Eduardo, eu vou levá-lo outra vez para o governo. Ele era presidente da Petrobras e saiu porque quis, não combinou com o povo, portanto, foi uma pena que ele não tivesse sido eleito senador, porque o José Eduardo, durante 8 anos, foi um dos melhores senadores que este País já teve. Eu, como um técnico de futebol, não posso dizer qual é a posição em que as pessoas vão

jogar antes do jogo. Então, eu vou reaproveitá-lo, vou conversar com ele na próxima quinta-feira e vamos acertar, porque eu acho que o José Eduardo é um companheiro que pode contribuir muito com o governo, com a Petrobras e com qualquer outra atividade que ele puder exercer.

No mais, companheiro Marcelo Déda, companheiro Eduardo Campos, os dois governadores, eu queria dizer para vocês que eu sou um homem convencido de que o Nordeste não pode esperar. O Nordeste, durante muitas décadas, ficou segregado, ou seja, os homens que governavam este País olhavam para o Nordeste com um certo desdém, achando que nós tínhamos que nos conformar em ser pobres, afinal de contas, nós íamos para o Sul do País só para ser pedreiros, para ser lavadores de carro, frentistas de posto de gasolina. Eu ficava nervoso quando as pessoas falavam: “Está vendo aquele prédio? Um nordestino fez. Está vendo aquela rua? Foi um nordestino quem fez”. Como se nós só fôssemos isso. Eu botei na cabeça que nordestino não nasceu para ser pedreiro. Também pedreiro, mas engenheiro, médico, cientista. É preciso que a gente se valorize um pouco, senão as pessoas já olham para a gente como se a gente fosse de segunda categoria, meu filho. E nós sabemos que andar de cabeça erguida é uma conquista. E nós aprendemos a nos respeitar.

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte, meus companheiros: eu não tenho nada contra nenhum estado. Todos, para mim, serão tratados em igualdade de condições, do Rio Grande do Sul a Roraima. Do Oiapoque ao Chuí, todos serão tratados com o maior respeito. Não quero saber de que partido são, não quero saber para que time torcem, não quero saber qual é a religião. Agora, eu digo sempre o seguinte: há um carinho preferencial para fazer com que os pobres sejam menos pobres, para ajudar os mais excluídos, para trazer mais universidades para o Nordeste e Norte brasileiro, para formar mais doutores no Norte e no Nordeste. Porque é essa política que vai permitir que a gente seja um pouco mais igual. Vejam aquele companheiro da Petrobras, que estava falando ao microfone. Até parecia um candidato a alguma coisa, falador, bom. Ele é o chefe daqui da Petrobras? Ele é de onde? Ele é daqui mesmo? Você percebe que é um companheiro que já se entrosou com as necessidades do Nordeste brasileiro.

Então, o que nós precisamos é isso. Esse é o meu papel, vou cumpri-lo

à risca e vocês, Marcelo Déda e Eduardo, saibam o seguinte: na hora em que tiver que fazer uma festa, não precisam me convidar, porque a Marisa não me deixa participar. Agora, na hora em que tiver uma desgraceira, saibam que vocês têm um companheiro, em Brasília, para estar do lado de vocês, para ajudar a consertar o Brasil que, durante tantos anos, poderia ter sido consertado e não foi.

À embaixadora da Noruega, quero dizer que na próxima semana estarei chegando à Finlândia, à Noruega, à Dinamarca, à Suécia, e espero que lá a gente possa tomar uma *Acquavita*, que, parece-me, é a bebida preferencial da Noruega. Se não for, tomarei a que tiver lá mesmo, porque vai estar muito frio. Eu quero dizer ao governo da Noruega, da importância dessa parceria que as empresas norueguesas estão fazendo com a nossa Petrobras.

Um grande abraço a vocês e até a próxima vez.